

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO CARIRI CEARENSE: Um estudo de caso

REFLEXIONES SOBRE LA PRÁCTICA SUPERVISADA EM ENSEÑANZA DE LAS ARTES VISUALES EM CARIRI CEARENSE: Un caso de estudio

Gesica Natamniele Nogueira TAVARES¹

Orientação: Larissa Rachel Gomes SILVA²

RESUMO

O presente artigo é resultado da experiência de Estágio Supervisionado em Ensino das Artes Visuais IV, na região do Cariri cearense, que teve início em fevereiro de 2020, de maneira presencial, mas devido à pandemia e o período de quarentena em março, entrou em pausa, retornando em novembro do mesmo ano, de forma remota. Esse processo inspirou a necessidade de compreender melhor a situação educacional e dentro desse momento objetivou-se analisar a atuação do corpo docente nesse período tão atípico na educação. Para tanto, além da observação, foi elaborado um questionário focado na experiência do professor supervisor da escola que estava atuando no ensino remoto, de modo a propiciar uma maior compreensão da experiência docente nesse período. Através da experiência que vivi, foi possível perceber as relações que foram estabelecidas perante estudantes, professores e gestores em um período tão crítico, não somente para a educação regional, mas para a educação nacional em sua totalidade.

Palavras-chaves: Arte, educação, ensino remoto, experiência.

RESUMEN

Este artículo es el resultado de la experiencia de Pasantía Supervisada en Docencia de Artes Visuales IV, en la región Cariri de Ceará, que comenzó en febrero de 2020, en persona, pero debido a la pandemia y el período de cuarentena en marzo, se pausó, regresando en Noviembre del mismo año, a distancia. Este proceso inspiró la necesidad de comprender mejor la situación educativa y, en ese momento, el objetivo fue analizar el desempeño del profesorado en este período tan atípico de la educación. Para eso, además de la observación, se diseñó un cuestionario enfocado en la experiencia del maestro supervisor de la escuela que se encontraba trabajando en educación remota, con el fin de brindar una mayor comprensión de la experiencia docente en ese período. A través de la experiencia que viví, fue posible ver las relaciones que se establecieron con estudiantes, docentes y administradores en un período tan crítico, no solo para la educación regional, sino para la educación nacional en su conjunto.

Palabras clave: Arte, educación, enseñanza a distancia, experiencia.

1 Artista visual, professora e pesquisadora da área de Artes Visuais. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri.

2 Artista visual, professora e pesquisadora da área de Artes Visuais. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri. Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba.

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO CARIRI CEARENSE: Um estudo de caso

INTRODUÇÃO

Durante todo o meu período escolar, minha vivência com a disciplina de Arte foi totalmente diferente da minha vivência acadêmica. As aulas eram realizadas por meio da recreação, os desenhos eram cópias apenas para colorir, nas datas comemorativas desenvolvíamos com o auxílio da professora, enfeites decorativos e adereços para fantasias. Com esta educação aprendi que arte era apenas lazer, divertimento e nenhum questionamento.

Quando iniciei o Curso de Licenciatura em Artes Visuais, na Universidade Regional do Cariri-URCA, em 2015, me deparei com muitas possibilidades de ser artista, professora e pesquisadora. Ao passo que fui conhecendo o campus, os professores, toda a comunidade em geral e colegas do curso, fui ampliando minha visão e conhecimento sobre a Arte. Muitas disciplinas chamaram a minha atenção e os estágios foram experiências que contribuíram muito na minha formação.

O Estágio Supervisionado em Ensino das Artes Visuais III foi onde tive o contato com os alunos do Ensino Fundamental, no qual pude experimentar a regência, pois a partir dessa etapa, os estágios visam a imersão na experiência de ensino das artes visuais no contexto escolar, para compreender a sua inserção na grade curricular e seu contexto pedagógico nas instituições de Educação Básica, em especial no Ensino Fundamental e Ensino Médio.

De imediato enfrentei muitas dificuldades ao executar as atividades planejadas para o trabalho de estágio, pois não sabia como desenvolver aulas significativas, já que “no papel, o planejamento é viável; na prática, não se sustenta” (OLIVEIRA e LAMPERT, 2013, p.11). Antes de entrar em campo é indicado aos estagiários a elaboração de um projeto, onde levamos propostas de práticas educativas para aplicar a um novo ambiente que desconhecemos e assim encontramos problemáticas para aplicação, ao passo em que observamos, analisamos e percebemos de que forma podemos contribuir para tais mudanças.

Levei essa experiência para o semestre seguinte, onde vivenciei o Estágio Supervisionado em Ensino das Artes Visuais IV, que tem como objetivo a regência no Ensino Médio. De acordo com a orientação do Curso, a experiência de estágio nas escolas é dividida em três momentos: observação, planejamento e regência.

Iniciei esse processo em fevereiro de 2020, na escola E.E.M Governador Adauto Bezerra, que se localiza na cidade de Juazeiro do Norte - CE, ainda de forma presencial. Nos primeiros dias, durante a observação, me perguntei de onde partir, já que estava revivendo o mesmo estilo de aulas que vivenciei durante o Ensino Médio, em que não haviam propostas, mas sim atividades retiradas do livro “Percurso da Arte” (2016) e reproduções de textos e imagens de obras de arte históricas que os próprios professores e professoras apresentavam sem intuito de reflexão ou desenvolvimento de ideias.

Observei que as atividades escolares nesta instituição incluem leituras, cópias de textos e propostas que estão no livro didático. Observei que as atividades escolares nesta instituição incluem leituras, cópias de textos e propostas que estão no livro didático. Percebi que os conteúdos e as práticas trabalhados em sala de aula são reproduções de obras de arte, “cópia por cópia”. Essas práticas esboçam o entendimento equivocado sobre o que é uma releitura e, não possibilitam que esses mesmos conteúdos possam ser trabalhados de outra forma. Como, por exemplo, provocando os estudantes a desenvolverem experimentações a partir das linguagens das artes visuais, pois:

A aprendizagem artística deixará no aluno marcas positivas, um sentimento de competência para criar, interpretar objetos artísticos e refletir sobre arte, situar as produções, aprender a lidar com situações novas e incorporar competências e habilidades para expor publicamente suas produções e ideias com autonomia. (ARSLAN e IAVELBERG, 2006, p.11).

Dessa maneira, o aluno ficará mais interessado em aprender de modo significativo a arte, contextualizando, refletindo e produzindo.

Vale ressaltar que o estágio acontece na disciplina de Arte, que ainda segue no modelo de ensino polivalente. Nesta perspectiva devemos investir em mudanças processuais a respeito das metodologias realizadas em salas de aula pois:

A Arte, enquanto disciplina, precisa ser pensada, exercitada/desenvolvida no seu âmbito mais amplo, como um processo sócio-histórico. Precisa ser trabalhada de forma que atue na construção da identidade do indivíduo, de maneira que provoque reflexões intensas e constantes. (OLIVEIRA e LAMPERT, 2013, p.10).

Desse modo, estaremos trabalhando num ensino mais significativo, que possibilita a mudança de concepções equivocadas sobre o ensino de arte na escola, do aluno, do estagiário, do professor e assim proporcionar mais qualificação para profissionais da área. No entanto, não pude contribuir com ações positivas nesse sentido porque quando estava quando estava prestes a iniciar a regência, veio a pandemia COVID19, a quarentena e ficamos sem estágio presencial e a possibilidade do remoto era incerta.

Com a pandemia do coronavírus, a crise financeira que já vivíamos se agrava e essa justificativa se aplica aos cortes na Saúde, Educação e no mercado de trabalho. Nesse cenário, a educação sofreu grandes alterações, trazendo consigo a opção do ensino remoto, o qual implica outras adversidades da sociedade. Tivemos que nos adequar a tantas situações, pois até mesmo o “fique em casa” se torna altamente relativo, representando os resultados da desigualdade social, em que muitos necessitam trabalhar para sustentar sua casa e ter o mínimo que seja para se alimentar.

Essa situação também altera todos os métodos de ensino, já que hoje precisamos seguir com o estudo de forma remota. Percebemos a precariedade em que muitas pessoas não possuem aparelhos de celular, tablet ou computador para estudar, nem ao menos possuem internet em casa ou dados móveis. Não podemos esquecer, também, que muitos estudantes se encontram em ambientes familiares muito hostis, vivenciando com muito mais dificuldade e tudo isso acaba resultando a ausência nas aulas que são ministradas de forma remota.

Nesse quesito, o Brasil tem seguido a tendência mundial. Em todo o território nacional, redes públicas e privadas interromperam o funcionamento das escolas e, entre outras ações, têm cogitado – ou já estão em processo de – transferir aulas e outras atividades pedagógicas para formatos a distância. Por ora, são as redes estaduais que mais têm avançado nesse sentido, é o caminho tem sido viabilizado, principalmente, por meio da disponibilização de plataformas online, aulas ao vivo em redes sociais e envio de materiais digitais aos alunos, como mostra recente levantamento realizado com mais de três mil Secretarias de Educação de todo o País (...). (Todos pela educação. Nota técnica. 2020, p.3).

Somente em dezembro de 2020 a Universidade Regional do Cariri – URCA ofertou o ensino remoto, sendo assim, como estudante concludente também vivencio o ensino virtual, utilizando computador e celular com internet, consegui concluir as disciplinas nesse formato, entre elas o Estágio IV, que foi interrompido em um primeiro momento, e na retomada do semestre, a escola onde estava estagiando, não autorizou o meu retorno em contexto remoto.

Desta forma tive que iniciar uma nova experiência de estágio, na escola E.E.M.T.I Wilson Gonçalves, que se localiza na cidade de Crato - CE, com a supervisão do professor Romildo Tomás dos Santos Filho.

Iniciamos com uma reunião em que o professor relatou como estavam sendo realizadas as aulas remotas e, a partir de três encontros via *Google Meet*, dialogamos a respeito de como estava sendo este processo de adaptação do ensino na escola.

Compreendo que o estágio supervisionado é uma prática fundamental para o exercício da profissão de professor, mas devido ao período pandêmico, que impossibilitou a vivência efetiva desse exercício, adaptações tiveram que ser realizadas, portanto, basicamente o estágio foi observar como o professor estava fazendo as postagens, ouvir sua experiência e observar os resultados perante as atividades

Existe uma preocupação maior com os estudantes neste período de ensino remoto, portanto gestão e professores procuram saber através da busca ativa o motivo da ausência dos estudantes e flexibilizam o máximo possível para mantê-los em atividade de maneira remota.

As atividades da disciplina de Arte estavam sendo postadas no *Google Classroom* e no aluno online, onde os estudantes tinham acesso ao conteúdo e atividades. O professor acompanhava as atividades e recebia as respostas dos estudantes, no decorrer da semana, do mês e muitas vezes recebia os trabalhos fora do prazo estipulado.

As propostas de atividades eram simples, a fim de apenas cumprir os requisitos burocráticos. No entanto, poucos alunos davam retorno das atividades e aqueles que não conseguiram atingir a média participavam de uma prova de proficiência, para obter a aprovação, pois os estudantes não poderiam ser reprovados.

Para melhor entendimento sobre a experiência do professor Romildo Tomás nesse período de ensino remoto, desenvolvi um pequeno questionário no qual o mesmo responde às perguntas de maneira franca perante o cenário ao qual o mesmo está inserido, relatando aspectos de sua experiência como professor.

DO ENSINO REMOTO SOB O OLHAR DO ARTE/EDUCADOR

Romildo Tomás dos Santos Filho é licenciado em Artes Visuais (PARFOR) pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF (2014), licenciado em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri – URCA (2000), especialista em Educação, Contemporaneidade e Novas Tecnologias pela UNIVASF (2018) e em Gestão Escolar pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (2005), Curso de Secretariado Escolar pela FECLI da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Atualmente atua como docente na rede pública de ensino, em escolas do Ensino Médio e Fundamental, na cidade de Crato e Juazeiro do Norte.

Tive a iniciativa de realizar uma entrevista via e-mail, em 06 de janeiro de 2020 com o professor para compreender melhor sua experiência na educação básica dentro do contexto pandêmico e a realização da disciplina de Arte na escola onde realizei o estágio de forma remota.

As perguntas foram elaboradas a partir das minhas dúvidas diante do contexto que estamos vivendo, como estava sendo realizado o ensino de arte, os métodos e recursos realizados para dar continuidade às aulas, se houve desempenho realizado a partir desse método e sobretudo a experiência do professor diante de toda essa situação.

1. Como professor de Arte, já realizou alguma prática artística?

Resposta: Como a pergunta não foi muito específica, aqui considero de forma pessoal. Então, no início da formação para professor de arte no estado de Pernambuco realizei prática artística como atividade da formação e foi nesse momento que o desejo de adquirir conhecimento na disciplina que eu ministrava sem formação começou a surgir, porém sem perder o foco principal que era a docência e não ser artista ou professor-artista, assim prevaleceu a essência de professor tendo como base o magistério e sobretudo a defesa da disciplina como componente curricular obrigatório e até hoje tudo concorre para esse fim. Na escola minha prática artística figura principalmente como professor-propositor, fruto da minha formação continuada como pedagogo que lecionava arte-educação, a partir do projeto Arte na Escola desenvolvido pelas universidades federais da época. É nesse foco da docência que desenvolvi a prática artística até a formação no curso de licenciatura plena para professores de arte, ou seja, minha prática artística por assim dizer se constitui como professor-propositor voltado para docência e a sala de aula e as atividades com o desenho, a colagem, a fotografia, a pintura fazem parte destas sem no, entanto, exigir padrões técnicos, tendo em vista que minha formação não contemplou essas prerrogativas (o princípio do curso era a formação de professores em serviço), tendo como objetivo maior a “experienciação” como forma de contextualizar, produzir e apreciar. Dessa forma, xs alunxs ficam livres das amarras de regras e se aproximam da educação do olhar.

Respondo de forma mais sucinta que nunca apresentei produções artísticas em galerias ou eventos de arte por me considerar primeiramente um docente. As poucas obras produzidas pertencem ao meu universo particular sem intenção de expor ou torná-las públicas e enfatizo que é por causa da minha formação e por não ter desvelado ainda a minha poética pessoal.

2. Como eram as aulas de Arte antes da pandemia? Os alunos estavam realizando alguma prática artística?

Resposta: As aulas de arte-educação antes da pandemia eram realizadas com base no planejamento para 1 aula com 50 minutos de acordo com o plano de curso da escola. O conteúdo iniciava com a explicação dialogada, apresentação de slides e vídeos complementando o conteúdo exposto, bem como para apresentar imagens de obras de arte referentes ao tema. As aulas práticas versam a partir do conteúdo planejado e em aulas reservadas para esse fim de forma a contextualizar os temas e complementar esses conteúdos, ou seja, na escola de educação básica a ênfase maior é na parte teórica, pois passarão a integrar a avaliação que é de forma sistemática e acompanhada pela coordenação escolar de cada área. Nesse tocante é válido salientar que a parte prática ela não se compõe como obrigatória, mas sim de forma que venha a implementar a aprendizagem sem, no entanto, invalidar a proposta do professor de realizar essas aulas. São nesses momentos de aulas práticas que xs estudantes podem experimentar a arte e deixar fluir a poética de cada um a partir da proposição do professor e entender o contexto, ver e apreciar as obras de arte e com isso desenvolver a educação do olhar, algo bem completo ainda para a maioria que chega ao ensino médio com uma visão muito reducionista sobre o ensino de arte e carregados de velhas práticas das aulas de arte do ensino fundamental um e dois. Para o desenvolvimento dessas aulas há inúmeros aspectos que dificultam e por vezes reduzem as aulas ao conteúdo teórico. Essas dificuldades vão desde o pouco tempo de aula que são 50 minutos semanais, material inexistente ou de difícil acesso por ser em média 300 alunxs na escola, falta de local apropriado para a realização. Além dos aspectos elencados, xs alunos precisam ir para a próxima aula no tempo correto sob pena de o próximo professorx reclamar do atraso e da arrumação da sala que muitos consideram como bagunça. Por isso as aulas precisam ser bem articuladas e planejadas.

No intervalo de duas aulas, ou seja, duas semanas de conteúdo é passado uma atividade que faz parte da avaliação dx estudante e faço o registro da participação via anotações manuscritas em momentos previamente planejados para posteriormente compor a avaliação, sendo que esta é bimestralmente apresentada nos planejamentos coletivos como forma de acompanhamento pela área que a disciplina pertence. Os índices de rendimento escolar são analisados a partir da avaliação classificatória (que é o registro final*) para alinhar as metas e ações da escola a cada bimestre e assim corrigir e proceder a recuperação. Nesse quesito é importante frisar que a escola segue as diretrizes da Secretária da Educação - SEDUC e esse acompanhamento de alinhamento das ações é monitorado pela Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação - CREDE, porém, a avaliação feita pelo professor é contínua, processual, individual e subjetiva e ao final é transformada em notas que é o que chamamos de *avaliação classificatória. As aulas iniciaram em fevereiro e um mês depois iniciou a pandemia, então as práticas estavam acontecendo especificamente na eletiva de Arte Contemporânea que é formatada por mim e nessa optativa x alunx escolhe de acordo com a sua afinidade e temos mais espaço e tempo (duas aulas de 50 minutos) para os momentos de prática e fruição da poética proposta pela disciplina.

3. Como funcionaram os processos e as práticas artísticas no ensino remoto? E quais foram as maiores dificuldades?

Resposta: No ensino remoto não tivemos aulas com práticas, em virtude da dificuldade de acesso e de uma metodologia que contemplasse todos os estudantes de forma geral. Como as aulas acontecem via postagens de conteúdos e os acessos acontecem em momentos distintos as práticas ficaram reservadas para as eletivas de arte e mesmo assim não aconteceram infelizmente e por motivos pelos alunos e que estes são particulares. As maiores dificuldades para o ensino remoto em todos os sentidos foram pouco acesso às salas de aula do Google e inviabilidade de participar via meeting nos horários de aula regular, pois estes foram flexibilizados em forma de postagem em bloco por área impondo uma nova rotina ao professor e alunos. Por incrível que pareça, a maioria de nossos estudantes não têm acesso banda larga à internet e outros não dominam e não se adaptaram às novas tecnologias impostas no momento, como também os próprios professores em geral. Nesse sentido, vale salientar que essa introdução e imposição do ensino remoto aconteceu da noite para o dia e de forma autoritária e sem utilizar uma didática adequada e por consequência sem tempo destinado a esse fim por causa da situação emergencial. Se por um lado tínhamos os alunos despreparados para enfrentar um ensino remoto a que eles não estavam acostumados, por outro lado tínhamos as secretarias de educação, maioria de gestores e coordenadores sem habilidades para gerir e orientar a nova ordem e mais, pegos de surpresa. Como forma de compreensão: o decreto do governo do Estado saiu dia 18 de março e nesta mesma semana já foi imposto às aulas via Google sala de aula para que professores formatassem as salas de aula de forma individual e na semana seguinte as secretarias já tinham formado salas e algumas organizado plataformas próprias de ensino remoto. Frente a isso em tempo recorde e sem tempo destinado para o desenvolvimento das novas habilidades.

4. Como você reflete sobre o ensino da Arte na escola pública de modo geral, a partir de sua experiência como professor?

Resposta: Tornei-me professor de arte quando fiz o concurso para professor de disciplinas pedagógicas no Estado de Pernambuco e nunca dei aula dessas disciplinas, que é minha paixão pelo curso de magistério para as séries iniciais, já extinto há alguns anos. Então, parto desse princípio de carreira, faço o concurso e sou lotado como professor de artes, a maior parte da carga horária, filosofia e língua portuguesa sem formação em nenhuma. Para a escola pública à época não ter professor habilitado para essas disciplinas já considero que disciplina de arte não é importante.

Na atualidade tenho a mesma impressão sobre como o ensino de arte e a própria disciplina ainda não são vistos como componente curricular obrigatório e como disciplina que influencia o pensamento crítico e a visão de mundo dos sujeitos. Diante das dificuldades, hoje penso que o ensino de arte tem mudado bastante se comparado a anos anteriores, ou seja, já temos cursos de licenciatura em artes, concurso para professor, porém a escola ainda não encara o ensino de arte com a devida importância e respeito, como por exemplo, língua portuguesa, matemática ou até mesmo educação física.

5. Como você reflete de modo geral o ensino de Arte de forma remota? Qual o posicionamento dos gestores da escola? Como os alunos estão se desenvolvendo nesse período?

Resposta: A meu ver e de forma extremamente crítica, o ensino de arte (e de outras disciplinas) remoto não existe. Não existe porque nessa situação emergencial e nas condições impostas, esse tipo de ensino não proporciona aprendizagem, é notório que apenas cumpre formalmente os requisitos burocráticos que o validam, como também evidencia a desigualdade da escola pública em comparação a escola privada que dispõe de todos os recursos com uma clientela abastada de todos os insumos didático-pedagógicos. A minha crítica se fundamenta no sentido de que a aula em si não acontece, o que na maioria das vezes estamos fazendo é postar o título dos conteúdos com poucas ou nenhuma explicação e pior sem interação professor-aluno.

O ensino remoto proposto nas salas do Google em nenhum momento garante a equidade exigida e penaliza muito mais do que iguala, pois xs nossxs alunxs não dispõe de equipamentos e de acesso que se equiparem a escola privada.

O posicionamento dos gestores diante do ensino remoto é de validar “essas aulas” de forma burocrática a partir das orientações da secretaria; garantem o monitoramento e os registros de conteúdos; auxiliam na medida do possível o trabalho dxs professorxs e dependendo da escola atrapalham mais do que ajudam e em alguns momentos exercem relações de poder esdrúxulas como forma de subsistência da burocracia imposta pelo Estado sob o viés da administração escolar.

O desenvolvimento dxs alunxs nesse sentido é de desânimo e apatia, ou seja, se antes com aulas presenciais existia a desmotivação pelo ensino, nesse momento atípico, se tornou ainda mais. A desmotivação, creio eu que se deve principalmente às condições de acesso que provém da situação financeira e social. Antes xs estudantes abandonavam a escola para trabalhar e ajudar as famílias, com a pandemia parece que essa realidade assola a classe trabalhadora novamente. As políticas públicas de colocar todos os jovens na escola estão se dissolvendo diante do cenário social, as famílias perderam renda e muitxs filhxs precisaram trabalhar na informalidade, outrxs desestimuladxs pela metodologia do ensino remoto não aguentaram e desistiram. Os poucos que ainda estão resistindo, temo que elxs possam perder o vínculo com a escola e terem o mesmo destino. O que receio neste momento é que práticas extremamente danosas desse ensino remoto acabem por fazer parte futuramente da escola sob o pretexto de que deu certo. E já se tem rumores de que as disciplinas eletivas serão EaD, ou seja, na versão *Google Classroom*. Sabemos que esse é um sistema que deve ser usado para complementar as aulas regulares ou mesmo viabilizar os trabalhos escolares de forma mais rápida, tendo sempre como foco a sala de aula regular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das práticas de observação e entrevista, conclui-se que nas aulas de Arte havia a ausência do ensino de Arte, apenas atividades e ausência da prática. Mostrando um cenário ainda pior do qual encontramos presencialmente em muitas escolas.

Por meio das observações e do questionário pude entender como as aulas foram realizadas, mesmo remotamente, aprendi enquanto estudante concludente, como a escola e o professor articularam o ensino nesta pandemia. Mesmo sabendo que o ensino remoto seria inevitável, observei o retrocesso que existe a partir desse método de ensino, pois acredito que não possui a mesma eficácia do presencial.

Sendo assim, foi um grande desafio vivenciar o estágio desse modo. O ideal seria presencial, mas a realidade atual não nos permite. Perante isso obtive desempenho ao compreender a trajetória do professor, mas infelizmente não pude me experimentar como estagiária, nem presencialmente, nem de forma remota.

Por fim, me questiono como a Educação estará enfrentando o contexto da pós-pandemia pois:

O senso comum nos diz que nunca mais seremos os mesmos, o estilo de vida que tínhamos antes da pandemia e chamávamos de normal, não retornará. E o processo de escolarização dos estudantes de distintos níveis será afetado por esse momento de latência e ao retornar, especialmente aqueles que estão com as aulas remotas, precisarão dá conta de conteúdos que não foram aprendidos, gerando mais uma vez, frustração e insatisfação em todos os envolvidos no processo. (ALVES, 2020, p.12).

Neste momento, não se tem soluções imediatas para o que estamos vivenciando, visto que no ensino remoto, a situação financeira e social é emergencial e a escola ao qual observei aplicou metodologias e didáticas que contemplassem todos os estudantes de forma geral, sendo elas somente teóricas via postagens de conteúdos que os alunos acessam em horários distintos, assemelhando-se a uma metodologia de ensino tradicional.

Mas discutir estratégias, analisar consequências, propor metodologias que abordem temáticas e problemáticas que se aproximem das experiências dos estudantes, planejando ensino híbrido que dialogue com a situação atual, através das tecnologias digitais que ultrapassem os conteúdos cobrados que seguem as aulas presenciais e não ensinados; atividades que desafiem os estudantes para interagir e desenvolver o pensamento crítico com os professores e o conteúdo apresentado em aula sobre arte, experimentação de materiais, produção e exibição do processo do trabalho, são alternativas que podem auxiliar este período de incerteza. Portanto, para esses métodos darem certo é necessário ter a tecnologia como aliada, o acesso à internet e os materiais propostos nas atividades.

Neste contexto de pandemia e quarentena, observei e analisei os aspectos de adversidades no campo do ensino da Arte. A Educação sofreu muitas alterações que reverberam em muitos lados, pois o ensino foi repensado e articulado para se manter ativo neste período tão incerto. Apesar dos pesares da atual situação política do Brasil, que está num período trágico sobre muitos aspectos da vida, percebi que a Educação se mantém viva e isso acontece a partir daqueles que a querem ver viva e atuante.

As dificuldades iniciais foram desencadeadas através de estar num novo ambiente de educação, “esse novo ambiente é a escola que, muitas vezes, intimida o estagiário por não corresponder com o espaço idílico que ele imaginava encontrar” (OLIVEIRA e LAMPERT, 2013, p.03). Pensamos que os tipos de situações que nos deparamos tivessem sido superados, mas infelizmente encontramos resquícios. Isso inclui desde a gestão, como também os profissionais que encontramos e que muitos estão insatisfeitos no ambiente por diversas questões, como salário, problemas pessoais e entre outras.

Na minha experiência faltou-me a vivência da regência presencial e de forma remota, como também aparelhos para acessar e realizar a experiência. No entanto, com a possibilidade de observar e analisar, através da minha perspectiva, a experiência de outra pessoa atuante foi também importante, pois tive acesso a situação para assim tê-la como objeto de estudo.

Dessa maneira, percebo que no estágio, seja ele presencial ou remoto, a observação se faz indispensável pois é através dela que surgem os questionamentos, reflexões e sugestões para uma mudança significativa em prol da Arte.

No início me senti em meio a uma incógnita, mas aos poucos fui buscando soluções e meios para realizar o estágio. Mesmo não vivenciando a regência, consegui compreender as problemáticas que envolvem esse momento, as possíveis soluções por alternativas que para muitos estão fora de cogitação.

Nesta perspectiva, no estágio observamos e analisamos as particularidades da realidade escolar. Desenvolvemos projeto de estágio com propostas de prática educativa para serem realizadas neste ambiente e, ao percorrer desse trajeto, aplicamos o que aprendemos no percurso acadêmico. Mediando o conhecimento para a realidade da sala de aula, buscando desenvolver a teoria e prática na docência, realizando com competência, pois ambas não podem ser desvinculadas.

E este processo de experimentação, troca de conhecimento entre estagiário e professor, expande a mudança que cada um irá adquirir, mas não será em um único semestre que tudo isso irá mudar. A mudança requer tempo, pois se trata de concepções, atitudes, crenças e valores.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. **Educação Remota: entre a ilusão e a realidade**. Interfaces Científicas - Educação, v. 8, n. 3, p. 348-365, 4 jun. 2020.

ARSLAN, L. M.; IAVELBERG, R. O ensino da arte no início do século XXI. in: CARVALHO, A. M. P.(Org.). **Ensino de Arte**. 1. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2006. 1-10.

DE OLIVEIRA, M. O.; LAMPERT, J. **Artes Visuais e o Campo de Estágio Curricular**. Revista NUPEART, [S. l.], v. 8, n. 8, p. 78-93, 2013. DOI: 10.5965/2358092508082010078. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/3072>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Nota técnica: Ensino a distância na Educação Básica frente à pandemia da Covid-19 - **Todos pela Educação** - Abril de 2020. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/educacao-na-pandemia-ensino-a-distancia-da-importante-solucao-emergencial_-mas-resposta-a-altura-exige-plano-para-volta-as-aulas/>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2021.